

Pedro de João Olivi: De como devem ser folhados os livros dos filósofos

Deus transformou em estulta a sabedoria deste mundo.
(1 Cor 1, 20)

[Introdução]

A fim de sabermos de que modo nos devemos aproximar da leitura dos livros dos filósofos, socorre-nos a palavra acima mencionada do Apóstolo, que nos ensina a estar particularmente atentos a quatro elementos que se encontram na filosofia mundana, a saber:

1. *a falsidade do erro,*
2. *a verdade da razão,*
3. *a vaidade da tradição e*
4. *a parcialidade (ou modicidade) da perscrutação.*

Devido à falsidade do erro, esta filosofia pode, com razão, ser chamada de *estulta*; pela verdade da razão, pode, porém, ser chamada de *sabedoria*; pela vaidade da tradição, pode ser dita sabedoria *do mundo*, ou mundana, ou temporal, mais do que divina e celestial; pela particularidade da perscrutação, deve ser chamada *deste mundo*, pois o pronome particular exprime este sentido.

2. E não deve causar admiração se assim é a filosofia mundana, pois que seus autores assim o foram. De fato, tiveram algo da luz natural da inteligência e, por isso, puderam escrever algo de verdadeiro. Mas o que tiveram da luz natural, tiveram-no envolto nas trevas da culpa original e da mácula atual, pelo que foram levados a misturar muita falsidade à verdade; tiveram-no também em pequena quantidade e muita materialidade e, por isso, sua perscrutação só parcialmente pode penetrar na verdade; tiveram-no também sem a luz da fé e da graça ou amizade divina, e por isso serviram à vaidade. E como claramente abundavam nestas coisas, por isso Aristóteles foi forçado a dizer no livro II da *Metafísica*¹ que o olho deles comportava-se, ante os fenômenos mais manifestos da natureza como o olho

* Professor da PUCRS.

¹ Aristóteles. II *Metafísica* c. 1, 993b 9-11.

da coruja ante o sol. Por esse motivo, como continua o mesmo texto, a consideração da verdade foi-lhes quase sempre difícil e, por isso, os primeiros filosofantes transmitiram muito pouco de verdade.

3. Como, pois, esta filosofia é *estulta*, deve ser lida com cautela. Mas como está sustentada por alguma centelha de *verdade*, deve ser lida discretamente. Por ser *vã*, deve ser lida de forma passageira, ou de modo cursório, utilizando-a como caminho, não como fim ou termo. Como é *módica* e como que pueril ou pedagógica, deve ser lida de forma dominativa, e não de forma servil, pois, mais que seguidores, devemos ser juizes dela. Por isso, diz Agostinho no *De doctrina christiana*²: "Devido a isto, parece-me que se deve salutarmente prescrever aos adolescentes estudiosos, bem dotados, tementes a Deus e que procuram a vida feliz, que não seousem seguir com firmeza a nenhuma doutrina que seja cultivada fora da Igreja de Cristo, na expectativa de que tal doutrina possa alimentar a vida feliz. Antes a julguem com sobriedade e diligência. E se encontraram doutrinas instituídas pelos homens, diferentes devido às vontades diversas daqueles que as instituíram, desconhecidas devido às suspeitas dos que erram, principalmente se constituíram comunidade com os demônios através de pactos e convenções, repudiem então e detestem tais ensinamentos".

[A falsidade do erro]

4. Se deseja ver quanto é *estulta* e falsa [a filosofia mundana], considera que ela possui falsidade nos *princípios*, nos quais se fundamenta, nas *razões* das quais é deduzida, nas *conclusões* que leva consigo. Estas três coisas o Apóstolo apresenta simultaneamente em *Colossenses* 2, 8, quando diz: "Estai de sobreaviso, para que ninguém vos engane com filosofias e vãos sofismas, baseados nas tradições humanas, nos rudimentos do mundo, em vez de se apoiar em Cristo". Porque viu que ela possui falsas conclusões, ele diz: *Estai de sobreaviso, para que ninguém vos engane*; porque viu suas falsas razões, diz: *com vãos sofismas*; e, devido a seus princípios, acrescenta: *nos rudimentos do mundo*, pois seus princípios são tomados dos sentidos e dos elementos sensíveis. A causa destes três defeitos encontra-se em não *se apoiar em Cristo*.

5. A respeito da estultícia dos *princípios*, pode-se tomar aquela afirmação do Apóstolo em 1 *Coríntios* 2,14: "O homem animal não aceita as coisas do Espírito de Deus: pois para ele são loucuras. Nem as pode compreender, pois elas devem ser examinadas de modo espiritual". Ora, os princípios da verdade são espiritualíssimos e abstratíssimos, e o *homem animal* não os pôde compreender, pois o exame ou experiência deles não é sensível, mas antes espiritual – e esta é a causa porque *a linguagem da cruz é loucura para os que se perdem*, como diz no capítulo anterior (*ibid.* 1,18), porque a cruz, mortificando os sentidos desta vida, possui em si uma verdade espiritualíssima e incompreensível a todo filósofo animal. Por isso, *Provér-*

² Agostinho. II *De doctrina christiana*, c. 39, n. 58; PL 34, 62.

bios 22, 15 diz de maneira muito acertada: "A loucura apega-se ao coração da criança e a vara da disciplina a afastará dela". São crianças aqueles que confiam tão somente nos sentidos; e é o próprio Aristóteles nos *Analíticos Posteriores*³ e em muitos outros lugares quem confirma que os princípios deles eram assumidos dos sentidos e da experiência sensível, e por isso diz: "Nós conhecemos os princípios enquanto termos, os termos, porém, não os apreendemos a não ser pelos sentidos". A *vara* da cruz *afasta* esta estultícia e nos ensina a assumir os princípios da fé, que se encontram acima do sentido.

6. Quanto à estultícia das *razões*, pode-se tomar o texto de *Lamentações* 2,14: "Os teus profetas tiveram visões falsas, e não te mostravam tua iniquidade para te levarem à penitência. Vaticinaram para ti mentiras, falsidades e enganos". Ora, como a escolha é feita na proposição maior, da qual se procede conseqüentemente, por isso, escolhendo o termo que nos parece conveniente, rejeitamos os termos inconvenientes. Mas os profetas de Baal vaticinaram coisas falsas e por isso não puderam mostrar a corrupção do gênero humano nem segundo o corpo, nem segundo a mente. Estes são os "apetrechos de um pastor estulto", dos quais fala *Zacarias* 11, 15. "Estulto tornou-se todo o homem em sua ciência, torna-se confuso todo o artífice ante a obra de suas mãos, porque são mentira os ídolos que fundiu e não há neles sopro de vida", com diz *Jeremias* 10,14. "Estulto tornou-se todo o homem em sua ciência".

7. Já quanto à falsidade das *conclusões*, podem-se tomar as palavras do Apóstolo (*Rm* 1, 21s), nas quais fala expressamente dos filósofos do mundo: "Obscureceu-se o coração insensato deles. Pretendendo-se sábios, tornaram-se estultos". Devido a isso mostra que eles caíram em três gêneros de conclusões péssimas e de todo falsas a respeito de Deus, e em três outras a respeito de si mesmos. De fato, como ele diz, mudaram o culto da majestade divina em culto às coisas criadas pela imaginação, o culto da verdade eterna em culto do ídolo mentiroso e o culto e o gosto da bondade eterna em uma "bondade depravada" (*Rm* 1,28), cheia de todo o mal. Estas são as conclusões errôneas a respeito de Deus, segundo os seus três atributos; seguem-se-lhes outras três, quando a eles mesmos, como se vê no mesmo lugar.

[A verdade da razão]

8. Se queres saber o que [a filosofia mundana] tenha em si de *sabedoria* e de *verdade*, repara que possuem a sabedoria da razão na matéria ou no *sujeito*, e na forma ou *modo*, e no *fim próximo*, e assim possui sabedoria quanto às três obras do sábio ou do hábito sapiencial que, como diz o livro VI da *Ética*⁴, considera o que é mais alto, mais útil e mais certo, e isto de modo mais certo e mais perfeito.

9. A Filosofia possui uma certa verdade em seu *sujeito*, pois não recebe os não-entes como sujeito, mas antes o ente com suas partes. E, como para a verdade

³ Aristóteles. II *Analíticos Posteriores*, c. 11, XXXXX.

⁴ Aristóteles. VI *Ética*, c. 7, 1141a 9-20.

da ciência concorrem a verdade do sujeito (ou objeto) e a medida de nosso intelecto, por isso, [os filósofos] receberam a divisão das ciências e das substâncias em parte segundo a divisão do ente perfeito, em parte segundo nosso modo de apreensão. Assim, pois, por terem percebido que existe um ente que não depende de nós, um ente que é de nossa razão e um ente que depende de nossa vontade e de nossa ação, por isso dividiram as ciências em real, racional (ou sermocinal) e prática; atribuíram as ciências reais ao quadrívio, as racionais ao trívio, e as práticas à metafísica e às éticas ou políticas. Ora, nosso intelecto chega às coisas por um tríplice grau: algumas ele apreende com a ajuda das qualidades sensíveis, algumas com a ajuda das quantidades imaginadas, e algumas pela forma das quiddidades inteligíveis – isto é, apreende algumas com movimento e quantidade; algumas, sem movimento e com quantidade; e algumas, sem movimento e sem quantidade. Por isso, dividiram as ciências reais, ou especulativas, em natural, matemática e metafísica (ou divina). E como o ente de razão refere-se à descoberta do verdadeiro, do conveniente e do persuasivo, dividiram as ciências racionais ou sermocinais em gramática (que se atém à descoberta do discurso cônico), lógica (acerca da descoberta e do juízo do silogismo verdadeiro) e em retórica e poética (que se referem ao silogismo persuasivo e atrativo, através de passos retóricos e de tropos figurados e poéticos). E como o ente de nossa vontade e de nossa ação parece tratar principalmente a respeito de três coisas, isto é, a respeito da alma, do corpo animado (isto é da vida do corpo) e da matéria exterior, por isso dividiram a ciência prática em ética (ou política), em medicina (ou curativa) e em metafísica.

10. [A filosofia mundana] possui sabedoria também na forma ou *modo*, pois procede ordenadamente quanto às matérias, apresentando antes as gerais, depois as especiais, antes apresentando-nos as mais conhecidas, depois as mais ocultas. Ela também procede de modo probativo ou racional, provando em muitos casos pelas causas ou pelos efeitos (ou sinais), ou com a dedução, ou pelas coisas manifestamente inconvenientes ou impossíveis, ou pela indução que vai dos elementos singulares para chegar às leis universais. Procede também a modo de suposição ou de enunciação, isto é, supondo e assumindo os primeiros princípios que são evidentes por si.

11. [A filosofia mundana] possui também algo de sabedoria em seu *fim próximo*, o qual, nas ciências especulativas, é a contemplação da verdade das coisas; nas sermocinais, a formação do discurso correto e idôneo ou, para que falemos de forma mais sublime e sutil, a devida regulamentação do ato de nossa razão, porque assim apreendemos a arte de exprimir e de raciocinar na devida forma; nas ciências práticas, enfim, [o fim próximo] é a utilidade da ordenação humana nesta vida.

12. Observa, porém, que em todas estas coisas [a filosofia mundana] possui algo de verdadeiro e de útil, mas que se encontra misturado com muita falsidade e dano. Por isso diz o Apóstolo (1 *Cor* 1, 21): "Já que o mundo, com sua sabedoria, não reconheceu a Deus na sabedoria divina, aprouve a Deus salvar os que crêem

pela estultícia de sua pregação". No texto está a dizer que [a filosofia mundana] possui uma 'sabedoria', que, enquanto tal, é *sabedoria de Deus*, mas tal 'sabedoria', no que se refere às ciências especulativas, é falha com relação ao fim principal, que é a perfeita contemplação de Deus e, de modo semelhante, é falha quanto às ciências práticas, cuja perfeição se encontra no perfeito cuidado e no provimento da salvação humana.

[A vaidade da tradição]

13. Quando à *vaidade* dela, diz o Apóstolo (*Rm* 1, 21): "Porque, conhecendo a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças. Pelo contrário, extraviam-se em seus vãos pensamentos [...]". Considera, pois, que eles filosofaram em vão, quer porque o fizeram com *temeridade e presunção*, isto é, sem a devida guia do mestre supremo, quer porque o fizeram de *modo curioso e soberbo*, pois não se voltaram para a simplicidade do falar divino, mas tiveram uma intenção e um *fim estéril*, e mesmo odioso, pois não trataram da visão de Deus, nem da participação da caridade e da graça dele, nem do culto e do serviço a ele devido, nem da fuga das ofensas a ele e da pena. E sem isso nada puderam colocar em vista do fim último, que não fosse estéril e odioso.

14. Quanto ao primeiro [isto é, a *temeridade e a presunção*], pode-se tomar o que diz o Apóstolo em *1 Coríntios* 3, 18-20: "Ninguém se engane a si mesmo. Se alguém dentre vós pensa ser sábio neste mundo, torne-se estulto para ser sábio, pois a sabedoria deste mundo é estultícia ante Deus, pois está escrito: 'ele apanhará os sábios na sua própria astúcia' [*Jó* 5, 13]. E, em outro lugar [*SJ* 93, 11]: 'O Senhor conheceu os pensamentos dos homens, que são vãos'", porque, como diz o mesmo Apóstolo em *2 Coríntios* 3, 5: "Não porque sejamos capazes por nós mesmos de ter algum pensamento, como que provindo de nós mesmos, pois a nossa suficiência provém de Deus". E como eles caminhavam sem o magistério de Deus, caminhavam em vão.

15. Quanto ao segundo, isto é, o *modo curioso e soberbo*, o Apóstolo nos ensina em *1 Coríntios* 1, 17: "Não na sabedoria da palavra, para que a Cruz de Cristo não seja expelida. E, por isso, pouco adiante (*ibid.*, 2, 4-5), diz que fala "não com as palavras de persuasão da sabedoria humana, mas na manifestação do Espírito e de sua potência, para que a nossa fé não se fundamente na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus". Ora, na doutrina dos filósofos verifica-se aquilo que diz o *Eclesiastes* 6, 11: "As muitas palavras nas disputas são vãs".

16. Quanto ao terceiro, isto é, a respeito do *fim vão*, pode ser tomado aquilo que diz o *Eclesiastes* 1, 14: "Vi todas as coisas que são feitas sobre a terra, e eis que tudo é vaidade e aflição do espírito". Se, pois, não existe um outro fim último, além daquele colocado pela filosofia mundana, então as coisas acontecem do mesmo modo para o estulto e o sábio, pois "tanto morre o sábio como morre o louco" (*Ecl*, 2, 16). Ora, "o fim do preceito é a caridade nascida de um coração puro, de uma consciência reta e de uma fé sem fingimento. Separando-se desta norma, alguns se entregaram à verbosidade vazia" (*1 Tm* 1, 5-6).

[A parcialidade ou modicidade da perscrutação]

17. Se, porém, desejás examinar a *parcialidade* e a *modicidade* de sua reflexão, observa os resultados a que chegaram no estudo da *natureza das coisas*, das *leis do discurso* e da argumentação e dos *costumes* da vontade. A respeito da natureza, verás que foi pouco o que alcançaram sobre a natureza *corpórea*, menos ainda o que obtiveram sobre natureza *humana*, e mínimo sobre as naturezas *intelectuais e separadas*.

18. Sobre a *natureza corpórea* nada disseram ou puderam dizer a não ser através de alguns acidentes exteriores dela que lhes caíam sob os sentidos externos e eram observadas por múltiplos experimentos. Por isso, a respeito das diferenças e das formas especiais das coisas nada nos deixaram de especificamente certo. Daí que Aristóteles diz nos *Meteoros*⁵ que "as diferenças específicas das coisas são-nos ocultas". Não puderam dizer nada de particularmente certo a respeito dos corpos e das partes e propriedades dos corpos que são totalmente fora do alcance de nossos sentidos. E também quase nada ensinaram de certo a respeito daquelas coisas que não estão de todo fora do alcance, mas das quais, por causa da distância ou experiência tardia, formaram um juízo muito limitado, ou mesmo nenhum. Por isso, não ensinaram quase nada por via de demonstração, e muito pouco pela via da probabilidade, a respeito das propriedades e ações dos corpos superiores e a respeito das influências exercidas nas regiões superiores da atmosfera e em outros lugares distantes. Por isso, Agostinho⁶ diz desses filósofos que "a respeito de muitas coisas que escreveram, mais opinaram do que tiveram certeza, e quanto àquelas coisas sobre as quais opinaram, afirmaram muita falsidade". Sobre isso, diz Aristóteles nos *Tópicos*⁷ que "muitas falsidades são mais prováveis que certas verdades".

19. No que se refere à *natureza racional*, quão pouco souberam a respeito do princípio das almas e de seu início verdadeiro e a respeito da verdade e do número de suas faculdades! Ao que lê os livros e os diversos erros deles sobre este tema, fica patente quão pouco caminharam nesta direção. E isto não deve causar admiração, pois não investigaram, ou não puderam investigar, a respeito do estado primordial e do início do gênero humano, mesmo segundo o corpo, ou a respeito da verdade ou da verdadeira causa de nossa pecaminosidade natural, como também a respeito de muitas outras coisas que aconteceram aos homens, tais como a divisão das línguas, o início da ocupação da terra e outras congêneres.

20. E souberam um mínimo sobre a *substância intelectual separada*. Por isso, Aristóteles na *Metafísica*⁸ toma como grande coisa o fato de ter provado, pelo

⁵ Aristóteles. IV *Meteoros*, c. 7, XXXXXX

⁶ Este texto não é de Agostinho e não foi encontrado.

⁷ Aristóteles. VIII *Tópicos*, c. 4, XXXXX

⁸ Aristóteles. XII *Metafísica*, c. 8, 1074a 10-12.

movimento dos céus, a existência de 55 motores ou inteligências. E todas as propriedades que a elas atribuem são geralmente errôneas, pois referiram-se a elas como se fossem uma espécie de deuses, como se pode ver claramente no livro de Proclo, no *Livro sobre as causas*, nos livros de Avicena e Averróis e em muitos outros. No *Eclesiastes* 3, 11 foi dito muito bem que "todas as coisas que Deus fez são boas, a seu tempo, e entregou o mundo à disposição deles, sem que ninguém possa compreender a obra divina de um extremo a outro". E pouco antes (*ibid.*, 1,8): "O homem não pode explicar pela palavra todas as coisas difíceis". E pouco depois (*ibid.*, 1, 12s): "Eu, o Eclesiastes, apliquei meu espírito a um estudo silencioso e à sábia observação de tudo que se passa debaixo do sol; Deus impôs aos homens esta ocupação ingrata, para que se afadiguem nela". A causa desta modicidade é explicada pela *Sabedoria* 9, 14-17: "Tímidos são os pensamentos dos mortais e incertas as nossas reflexões, porque o corpo corruptível torna pesada a alma, e a morada terrestre oprime o espírito carregado de cuidados. Mal podemos compreender o que está sobre a terra; dificilmente encontramos o que temos sob a mão. Quem, portanto, pode investigar o que se passa no céu? E quem conhece tuas intenções, se tu não lhe deres a Sabedoria?", e assim por diante.

21. Por isso, souberam muito pouco a respeito da *causa primeira*. Não falando das pessoas divinas e de suas propriedades, que souberam eles da criação obrada por Deus e da consistência dela, do poder de realizar milagres e coisas sobrenaturais, de Deus que remunera e de sua justiça e misericórdia, de sua presença universal pela qual se encontra imediatamente presente a tudo, ou de seu poder capaz de criar, fazer e conservar todas as coisas? Considerando-se que, como é manifesto que sobre estas coisas quase nada disseram que não fossem puros erros, é verdade o que se encontra em *Sabedoria* 13, 1: "São insensatos por natureza todos os que desconhecaram a Deus e, através dos bens visíveis, não souberam conhecer aquele que é, nem reconhecer o artista, considerando suas obras". E logo a seguir (*ibid.*, 13, 9): "Se possuíram luz suficiente para poder perscrutar a ordem do mundo, como não encontraram ainda mais facilmente a seu Senhor?"

22. Não me detenho a examinar o que encontraram a *filosofia do discurso*, para saber o que e quando descobriram, porque nela erraram menos em proposições que pertencem à nossa fé.

23. E o que encontraram quanto aos *costumes* e a todo o governo político dos homens, considerando-se que nos propuseram uma falsa felicidade, da qual derivam, por consequência, falsas virtudes? Isto sem falar da redenção e reparação do gênero humano, da graça de Deus salvador, da custódia angélica, da guerra contra os demônios e das tentações destes que devem ser vencidas, temas a respeito dos quais absolutamente nada souberam ou escreveram. Nada, pois, a admirar, visto que erraram tão torpemente a respeito do culto do verdadeiro Deus, a ponto de caírem todos, sem exceção, na idolatria. Por isso, escreveram muitos livros e de muitos modos sobre o culto dos ídolos mais do que o do verdadeiro Deus. Por isso

Agostinho, em *A cidade de Deus*⁹ diz que tanto Platão como Aristóteles e muitos outros filósofos "creram que se deveria sacrificar aos inúmeros deuses", embora observe no início do capítulo que Platão e Aristóteles, mais do que os outros, "melhor julgaram a respeito de um único Deus".

⁹ Agostinho. VIII *A cidade de Deus*, c. 12; PL 41, 237.